

A problemática da solidão: uma abordagem antropológica

Adalberto Dias de Carvalho ^{a*}

^a ISCET - High Institute of Business and Tourism Sciences, Porto, Portugal

Info	Abstract
<i>Keywords:</i> Loneliness, Life experience, Anthropology, Feeling, Artistic references. Solidão, Vivências, Antropologia, Sentimento, Referenciais artísticos.	An anthropological approach to loneliness implies that, by focusing on human experiences in terms of perceptions of the negativity of relationships with others, the contours and nature of these experiences are privileged over concerns about their conceptualisation. This is how in this article we expose and arouse, mainly, reflections that seek to identify and highlight the sensitivities implicit in some artistic works in which loneliness clearly inspires existential concerns. Uma abordagem antropológica da solidão implica que, ao privilegiarem-se as vivências humanas em termos das perceções da negatividade das relações com os outros, se privilegiam os contornos e a natureza dessas vivências e menos as preocupações com a sua concetualização. É assim que neste artigo se expõem e suscitam sobretudo reflexões que procuram identificar e fazer ressaltar sensibilidades implícitas em algumas obras artísticas em que a solidão é manifestamente inspiradora de inquietações existenciais..

* Corresponding author. E-mail address: adalberto.carvalho@iscet.pt (A.Carvalho) Journal homepage: <http://percursosideias.iscet.pt>



Introdução

Sendo a solidão indefinível em termos estritamente científicos, deve ser entendida sobretudo como um sentimento que decorre de uma percepção negativa que podemos ter da nossa relação com os outros. Nascemos e morremos em solidão, somos por ela mais ou menos afetados no decurso da nossa existência, nomeadamente por frustrações em que, pela idade ou por dramas julgados como definitivamente insuperáveis, deixamos de ter esperança numa vida melhor. Daí a importância de dever ser considerada na educação familiar e escolar.

O fenómeno da solidão tem sido abordado tanto através de escalas que pretendem identificá-la como até medi-la, como por obras de arte pictóricas, escultóricas e literárias que, sendo sublimes, a captam pela estética dos seus traços, dos seus gestos, das suas palavras. Certamente por ser profundamente humana ...

Referenciais artísticos do fenómeno da solidão



Figura 1. O Grito, Edvard Munch

Fonte: <https://www.culturagenial.com/quadro-o-grito-de-edvard-munch/>

Na obra de Edvard Munch, “O Grito”, o autor apresenta-nos, numa expressiva profusão de traços curvos e de cores fortes, a expressão de uma figura humana tão impressionante quanto misteriosa. Figura esta que nos interpela com a comunicação de um grito desesperado que é expressão da própria convulsão da natureza, mas a que, no fundo do quadro, dois personagens enigmáticos parecem ser indiferentes.



Figura 2. O absinto, Edgar Degas

Fonte: <https://www.musee-orsay.fr/en/artworks/dans-un-cafe-114>

O absinto proporciona a Degas a pintura de duas personagens que, aparentemente partilhando num bar de Paris a bebida com que certamente procuram suportar as amarguras dramáticas das suas vidas, ignoram com a indiferença dos seus olhares e atitudes a proximidade que, por isso mesmo, paradoxalmente os une.



Figura 3. O último homem, John Marin

Fonte:

<https://homemdespedacado.wordpress.com/2017/06/04/obras-inquietas-31-o-ultimo-homem-1849-john-martin/>

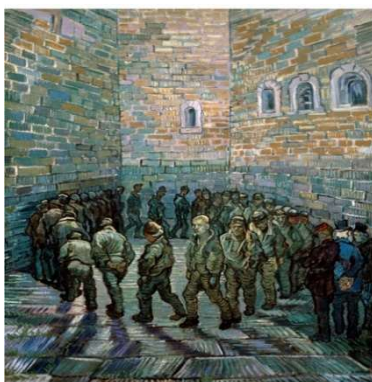
“O último homem” hirto sobre o túmulo da sua mulher, vive, sobrevivendo, no silêncio de um mundo que não mais o escuta. A paisagem enigmática e inóspita com que John Marin o rodeou patenteia-nos isso mesmo.



Figura 4. Big Man, Ron Mueck

Fonte: <https://hirshhorn.si.edu/explore/ron-mueck-untitled-big-man/>

O “Big man” é uma figura escultórica que, pelas suas dimensões, estranha corporeidade táctil e atitude introspetiva, gera perplexidade no espectador que o olha procurando entendê-lo. Estranhamente não nos abre a sua interioridade, interioridade esta que, por ser tão íntima, não abre qualquer ponte para uma interpelação ou para uma resposta a uma qualquer pergunta.

**Figura 5.** No pátio da prisão, Vincent Van Gogh

Fonte: <https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Vincent-van-Gogh/720860/P%C3%A1tio-da-pris%C3%A3o,-1890..html>

No “pátio da prisão”, Van Gogh retrata-se enturmado por uma fila de prisioneiros que, rodando incessantemente sobre o seu próprio percurso e prisioneira de um enclausuramento, este também curvo na sua monotonia deprimente, nos olha como que solicitando uma companhia, tão desejada quanto impossível, que tragicamente não encontra.

A solidão pelas palavras que alguns dos maiores escritores nos deixaram nas suas obras:

“A minha vida é como se me batessem com ela. A solidão desola-me; a companhia oprime-me.” (Pessoa, 2023)

“- Quem sois? Diz o príncipezinho. – Quem sois... quem sois... quem sois – respondeu o eco. – Sejam meus amigos, eu estou só, disse ele. – Eu estou só... eu estou só... eu estou só – respondeu o eco.” (Saint-Exupéry, 2017)

“Por muito ricos que sejamos, o que nos empobrece é a incapacidade de estarmos sós.” (Holderlin, 2021)

Conclusão

É difícil sistematizar e, antes de mais, alcançar ou detetar conclusões com base numa exposição como a deste artigo assente principalmente em aproximações críticas operadas a partir da seleção de leituras estéticas da solidão. Pretendeu-se assim estimular e aprofundar os sentimentos suscitados pelas vivências da solidão, entendida esta como geradora de experiências, individuais ou comunitárias, de sofrimento. De alguma maneira a arte representa aqui uma emergência estética destas experiências, as quais, algo paradoxalmente, proporcionam aos seus leitores configurações dramáticas de uma beleza que os seus autores descobrem, traduzem ou constroem na condição humana dos que sofrem.

Este pequeno artigo pretende ser inspirador de achegas setoriais radicadas nas obras que nele são destacadas e de debates que, de uma forma alargada, aprofundem a especificidade do tipo de abordagem que aqui é assumido. Como alguém um dia o disse, a diferença entre o conceito de gota de água e uma real gota de água é que só esta última molha: a diferença entre o um eventual conceito de solidão e a solidão em si mesma é que só esta induz, ou traduz, na sua autenticidade vivida, a representação de um isolamento aparentemente insuperável porque privado de esperança.

Sem negar o potencial contributo das abordagens científicas, pretende-se apenas negar a premência do enclausuramento cientificista da problemática da solidão enquanto sentimento.

Referências

- Holderlin, F. (2021), Todos os Poemas. Lisboa: Assírio & Alvim
- Pessoa, F. (2023), Livro do desassossego. Lisboa: Assírio & Alvim
- Saint-Exupéry, A. de (2017), O Príncipezinho. Porto: Porto Editora